

<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>

e-ISSN 2318-406X

Doi: 10.17058/rzm.v7i1.13063



A matéria publicada nesse periódico é licenciada sob forma de uma Licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Resenha

As matrizes culturais simbólico-dramática e racional-iluminista no discurso de jornais populares chilenos

Simone Maria Rocha¹

Razón y pasión en la prensa popular (2016)

Guillermo Sunkel

Ediciones El Desconcierto

As reflexões de Guillermo Sunkel não contam no Brasil com a mesma penetração e influência que a obra de Jesús Martín-Barbero. Todavia, indubitavelmente, Sunkel apresenta uma contribuição seminal para a proposição original dos estudos de comunicação e cultura na América Latina ao desenvolver uma investigação que toma por pressuposto o necessário reconhecimento do massivo como um novo modo de existência do popular. Assim, o autor rompe com dicotomias que, desde os anos de 1970, impediam a compreensão da articulação da comunicação aos movimentos sociais e aos modos de existência e sobrevivência do popular na América Latina.

Tão demandado como difícil de encontrar, não só no Chile mas nos outros países da Região, refiro-me à segunda edição do livro *Razón y Pasión en la Prensa Popular*, lançado em 2016 por Ediciones El Desconcierto e cuja primeira edição data de 1985.

A partir da seguinte pergunta: “quais eram as formas de representação do popular que assumiam os jornais populares de massa durante o período final da democracia chilena?” (p. 21), Sunkel colocou sob escrutínio cinco jornais populares da época e os analisou a partir de algumas preocupações.

A primeira diz respeito ao processo de democratização das forças de esquerda, no período pré-ditadura, que promoveriam uma ruptura com o que se denominou cultura de esquerda, fortemente enraizada em uma “noção de povo como o sujeito revolucionário, um sujeito puro e incontaminado por um capitalismo e que se apresenta como o

¹ Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e do PPGCOM da UFMG. Doutora em Comunicação e cultura pela UFRJ. Pós-doutorado pela UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura em Televisualidades

depositário daqueles valores que representam a utopia da sociedade futura” (p. 21).

A segunda deriva da primeira, uma vez que o autor questiona diretamente os modos de representação do popular na cultura política da esquerda marxista chilena e sua visão restrita desse universo composto por um único ator político, a classe trabalhadora; um único conflito, capital x trabalho; e um único espaço de luta, a fábrica ou o sindicato. A Sunkel resultava claro que tal abordagem pecava por deixar de fora referências constitutivas do universo popular traduzidas no mundo da cotidianidade, da subjetividade e da sexualidade; das práticas culturais do povo, narrativas, religiosas ou de conhecimento, que eram consideradas espaços de alienação e obstáculos à formação da verdadeira consciência política.

A discussão pareceu oportuna ao autor em função do contexto, no qual se dava o surgimento, as condições de existência e a presença das massas na cena pública na nascente “sociedade de massas”, juntamente com o advento dos meios de comunicação de massa, da cultura de massa e da imprensa popular de massa, o que lhe permitiu unificar o objeto empírico – os jornais populares de massa. Este contexto favoreceu a auto-denominação dos jornais como “populares”, pois estava no objetivo de cada um “representar” as “massas populares”, ainda que cada um partisse de uma definição e um modo próprio do que seriam essas “massas” e da forma de representá-las. Para tanto, Sunkel selecionou cinco diários e enfatizou o que era específico em cada uma dessas modalidades jornalísticas. Foram eles: *Clarín*, de 1954; *La Tercera*, jornal comercial fundado em 1950; *Ultima Hora*, criado em 1943 e de orientação socialista; *El Siglo*, de 1940 e oficialmente declarado órgão do Partido Comunista; e, por fim, *Puro Chile*, também de orientação comunista, com fundação datada de 1970.

O que Sunkel considerou imprensa de esquerda esteve relacionado ao modo como os partidos assim denominados produziram uma identificação entre o próprio conceito de esquerda e o de popular, tendo em conta a imagem cultural que a esquerda construiu naquele momento histórico, bem como a influência político-cultural desempenhada pelo marxismo no universo da cultura popular.

O percurso traçado pela pesquisa foi orientado por alguns referentes teórico-conceituais fundamentais ao alcance das análises. São eles: a necessária revisão conceitual do popular; a constatação de uma divergência entre um tipo de representação de cunho mais político e outro que recorre a elementos da subjetividade popular e a consequente constatação da existência de duas matrizes culturais na cultura popular, a saber, a matriz racional-iluminista e a matriz simbólico-dramática que sustentam tais discursos; a edificação da narrativa melodramática e sensacionalista em parte dos jornais populares de massa.

O livro está dividido em três capítulos. No primeiro, denominado “Las matrices culturales y la representación de lo popular en los diarios populares de masas: aspectos teóricos y fundamentos históricos”, o autor traça os aspectos da crise da representação do popular – instaurada no conjunto de discursos que operavam no interior da esquerda chilena, tendo no marxismo seu sistema ideológico dominante – a partir de indagações como: quais são as razões históricas que transformaram a preocupação com o popular em um “tema novo”? Em que sentido especificamente o popular aparece como um “tema novo”?

Sunkel esclarece que, mesmo tendo alcançado tamanha influência, o discurso marxista não foi capaz de exercer hegemonia expansiva em virtude de sua inflexibilidade para incorporar certos elementos básicos da cultura popular. Havia, por parte desse discurso, uma pré-figuração do popular, ou seja, uma identificação com o universal e uma simplificação da realidade heterogênea e multifacetada; uma relação com a concepção “heróica da política e da classe trabalhadora”, sendo a política o espaço do grandioso e do oposto à esfera privada; uma incapacidade articulatória entre as organizações de esquerda e a cultura popular.

Diante de tal simplificação, Sunkel contrapõe uma realidade popular de caráter heterogêneo na qual emergem outros sujeitos sociais e políticos, conflitos de natureza e em espaços diversos. A partir desse “princípio da heterogeneidade”, foi possível notar a sociedade civil e a vida cotidiana como espaços conflitivos; a multiplicidade de atores – o movimento feminista, indigenistas, dos sem casa, religiosos etc. – e uma variedade de conflitos – que abrangem aqueles que se desenrolam no campo da distribuição, do consumo, das práticas institucionais e que afetam a vida cotidiana.

Sunkel identifica que o discurso marxista relegou à margem o que ele chamou de i) “popular não-representado”, composto “pela grande zona aceita socialmente e ausente da interpelação política marxista; aquela constituída pelas tradições culturais” (p. 46) que envolvem a religiosidade popular, as formas de conhecimento derivadas da experiência popular, as festas populares e as culturas indígenas não-representadas; ii) “popular reprimido”, relegado à margem do discurso político e que não é socialmente aceitável, “sujeitos que fazem parte de uma constante condenação ética e assim transformados em objetos de campanhas moralizadoras” (p. 48).

O ponto alto do capítulo se dá na relação que Sunkel estabelece entre os modos de representação do popular e as matrizes culturais. Para sustentar a hipótese segundo a qual “os jornais populares de massa tiveram duas linhas de desenvolvimento diferentes vinculados a matriz racional-iluminista e a matriz simbólico-dramática e são essas matrizes as que vão determinar os modos de representação do popular” (p. 51), o autor dedica boa parte do capítulo para apresentar

essas matrizes enquanto “parte das condições de existência dos setores populares” (p. 51).

A matriz racional-iluminista caracteriza-se por ser laica e defender posturas anti-clericais e anti-religiosas. Tal matriz tem por base conceitual: i) a razão como meio e o progresso como fim da história; ii) a educação e a ilustração como meios fundamentais de construção da cidadania política e caminho para civilização; iii) o povo como a expressão física da barbárie. Há também um mecanismo central de uso da linguagem que opera por generalizações e rechaça todas as formas da linguagem popular. Essa matriz se introduz na cultura popular como um elemento externo sobre uma matriz cultural pré-existente – a simbólico-dramática – e busca transformá-la por considerá-la como vestígio de uma época histórica já superada.

A matriz simbólico-dramática opera através de dois elementos centrais: i) a linguagem baseada em uma concepção religiosa do mundo e sua construção dicotômica entre o bem e o mal, o paraíso e o inferno etc. Será através dessa concepção que essa matriz edificará a representação do conflito histórico social traduzindo-o em categorias tais como: ricos x pobres, bons x maus etc. A tradução das categorias é o mecanismo central da linguagem da matriz simbólico-dramática cuja pobreza conceitual é compensada pela riqueza de imagens; ii) a estética, cuja raiz e expressão está na estética das imagens barrocas da Igreja Católica e suas figuras dramatizadas. Por isso, parece plausível relacionar o sensacionalismo da cultura popular ao sensacionalismo das imagens religiosas e ao apelo feito a determinadas emoções na tentativa de causar sensações e de impressionar.

Com base nisso, Sunkel irá mostrar a vinculação entre as matrizes e os modos de representação de cada variante dos jornais de imprensa popular e as operações realizadas especificamente por cada jornal. De todo modo, alguns delineamentos já se fazem notar pela seguinte hipótese: “enquanto a matriz racional-iluminista será integrada a cultura popular de massa pela via do movimento popular e os partidos políticos de esquerda, a matriz simbólico-dramática será integrada pela via da indústria das comunicações e setores empresariais” (p. 59).

O segundo capítulo tem por título “La configuración de los diarios populares de masas”, e apresenta um reconstruto dos antecedentes, tanto dos jornais de esquerda quanto dos sensacionalistas. Ganham espaço de análise os primórdios da imprensa trabalhadora, suas características e funções. Tal configuração será relevante para o entendimento do processo de transformação, ruptura e continuidade através do qual surgirá os jornais populares de massa ligados aos partidos de esquerda. De igual modo, se mostram os antecedentes literários dos jornais sensacionalistas com os quais estes promovem uma continuidade em relação aos aspectos centrais da cultura popular em termos de temas,

linguagens e estética. Nesse sentido, mostrou-se profícuo o esforço do autor em demonstrar as afinidades entre o “espírito do tabloide” (o jornal sensacionalista) e certas formas tradicionais de jornalismo popular. No caso da *Lira Popular*, sua estética melodramática mostrou-se inalterada no processo de incorporação pelos jornais populares de massa.

O destaque deste capítulo está na demonstração que Sunkel faz dos elementos centrais da estética melodramática, articulados ao “espírito do tabloide” e ao conceito de sensacionalismo. “O tabloide se define por seu formato, que requer que sejam desenvolvidas certas regras de composição e harmonia que o distinguem de outros jornais. Também se define porque estas regras apontam para uma desproporção de conteúdo noticioso dos textos e dos recursos tipográficos. Desta desproporção surge um elemento que permite definir o conceito de sensacionalismo” (p. 100). O autor evidencia três elementos centrais da narrativa sensacionalista: i) equivalência no valor das temáticas do fato político, do fato sangrento e do drama humano; ii) a mescla entre textos e elementos tipográficos; iii) exploração das situações com ênfase na subjetividade dos leitores e na dramatização dos sentimentos.

Num terceiro momento, o capítulo também apresenta uma espécie de simbiose entre o jornal de esquerda e o jornal sensacionalista numa variante que o autor denomina de “sensacionalismo de esquerda”, mediante clara tentativa de interpelar o sujeito popular através dos meios próprios da cultura de massa, tornando o marxismo mais palatável ao mesclar tal filosofia com elementos do sensacionalismo e da linguagem grosseira.

O terceiro capítulo, “La representación del pueblo en los diarios populares de masas”, traz a apresentação dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, os procedimentos de seleção do *corpus*, as perguntas e demais escolhas que guiaram a análise e a seguinte hipótese: “cada um dos jornais populares de massa constitui uma variante específica sobre as matrizes culturais e, portanto, cada um deles irá construir sua própria modalidade de representação do popular a partir de uma articulação dos elementos própria da matriz racional-iluminista e da matriz simbólico-dramática” (p. 139). Em sua análise, Sunkel procura mostrar as distintas representações de povo construídas por cada jornal analisado, enfatizando particularidades de cada um, com especial atenção ao período proposto pela pesquisa: os quatro meses que antecederam as eleições presidenciais no Chile em 1970.

Neste terceiro capítulo, acredito que alguns pontos merecem um comentário crítico. O primeiro deles diz respeito à falta de clareza do que o autor denomina como análise do discurso, uma vez que, embora o anuncie como estratégia metodológica, não oferece maiores detalhamentos sobre a mesma. A opção por uma apresentação

que privilegiou tabelas de quantificação dos conteúdos deixou em segundo plano a exploração dos aspectos da narrativa sensacionalista no estilo de cada jornal. E, por último, um aspecto relevante, e que foi desconsiderado na análise, diz respeito à ausência da abordagem visual dos jornais analisados. A opção metodológica pela análise do discurso fez com que a análise negligenciasse o componente imagético dos jornais, o que me pareceu especialmente crítico se levarmos em conta a própria caracterização feita por Sunkel de um dos elementos centrais da estética da matriz simbólico-dramática, qual seja a riqueza de imagens em detrimento da pobreza conceitual. Em certa altura do primeiro capítulo, o autor afirma que “a linguagem simbólico-dramática carece de ‘densidade teórica’ e os conceitos claramente são secundários à produção de imagens” (p. 54). Sendo esta uma estética dramática, herdeira do discurso religioso e de seu modo dicotômico de organizar o mundo, pareceu-me que a consideração analítica desse elemento traria insumos enriquecedores para os achados da pesquisa de Sunkel.

Acredito que a leitura de *Razón y Pasión* seja fundamental para os pesquisadores que se dedicam às relações entre meios de comunicação e cultura sobretudo aqueles que se interessam pelo jornalismo contemporâneo, em especial, o fenômeno midiático dos telejornais populares e a chamada imprensa popular. Uma rápida consideração destes produtos nos permite identificar e compreender a atualidade da matriz simbólico-dramática e dos demais aportes apresentados, notadamente, o conceito de sensacionalismo. A obra de Sunkel tem ares de clássico em virtude de sua tremenda capacidade de explicar as arquiteturas narrativas e estilísticas das produções de nossas mídias massivas, em especial, a televisiva, bem como os distintos modos de representação do popular.

Avaliadores:

Márcia Amaral
Ângela Felippi